

EMPREENDEDORISMO

EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA – A PERCEÇÃO DO TEMA PELOS ALUNOS - ESTUDO EXPLORATÓRIO

Helena Isabel Barroso Saraiva, helenasaraiva@ipg.pt, Instituto Politécnico da Guarda (1)

Vítor Manuel de Sousa Gabriel, vigab@ipg.pt, Instituto Politécnico da Guarda (1)

1) Unidade para o Desenvolvimento do Interior – UDI

RESUMO

O estudo elaborado parte da constatação, evidenciada na revisão de literatura efetuada, de que o ensino do empreendedorismo assume algum impacto no comportamento e na perceção dos alunos relativamente a alguns aspectos relevantes nesta área de aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento económico dos diversos países que integram o espaço da União Europeia (UE). Assim, procurou-se numa fase inicial caracterizar o sistema de ensino do empreendedorismo levado a cabo nos países da UE, procurando evidenciar quer as características comuns quer as especificidades de cada país considerado, neste aspeto particular. Posteriormente, efetuou-se uma análise a dados provenientes de diversas publicações e relatórios de entidades, que recolhem e processam dados na área do tema, no sentido de aferir a existência de relação entre o ensino do empreendedorismo e os resultados obtidos em termos de perceção por parte dos visados pelo mesmo processo.

PALAVRAS CHAVE

Empreendedorismo; Ensino; Educação; União Europeia; Perceção.

ABSTRACT

The study conducted starts finding evidence in performed literature review, that entrepreneurship teaching takes some impact on behavior and students' perception on some relevant aspects in this area and consequently in the economic development of many countries of European Union (EU). So, we tried to characterize an early stage in the education system of entrepreneurship carried out in EU countries. Subsequently, we performed an analysis of data from various publications and reports which collect and process data in the subject area, in order to assess the existence of relationship between entrepreneurship education and results in terms of perception by the target by the same process.

KEY WORDS

Entrepreneurship; Education; Education; European Union; Perception.

EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA – A PERCEÇÃO DO TEMA PELOS ALUNOS - ESTUDO EXPLORATÓRIO

Introdução

O papel do empreendedorismo em termos do desenvolvimento económico tem sido reconhecido por diversos teóricos ao longo do tempo, entre os quais Leibenstein (1968), Kirzner (1997) e Acs *et al.* (2004).

A definição de empreendedorismo passa quase sempre pela referência a atitudes perante o meio envolvente e à capacidade de resposta a esse meio, no sentido de construir soluções que acrescentem valor à sociedade. Para a

União Europeia (EC, 2012), o empreendedorismo respeita à capacidade individual de transformar ideias em ações, envolvendo esta capacidade a criatividade, a inovação e a assunção de riscos, assim com a capacidade de planeamento e de gestão de projetos, por forma a atingir objetivos. A mesma fonte considera que isto suporta as atividades do dia a dia, quer a nível pessoal quer a nível social, torna os trabalhadores mais conscientes do contexto do seu trabalho e mais aptos a aproveitar oportunidades, proporcionando uma base aos empreendedores para estabelecer uma atividade social ou comercial.

Neste sentido, convergem Heinonen e Poikkijoki (2006), ao afirmarem que o comportamento empreendedor se tem generalizado, o que está relacionado com o apelo a maiores e melhores competências empresariais de modo a enfrentar desafios crescentes e a incerteza do futuro. Ainda segundo estes autores, constituem atributos relacionados com a atividade empreendedora, tendo por objetivo a constituição de plataformas viáveis para o desenvolvimento das sociedades, a elevada disponibilidade para a mudança, a auto-confiança e a criatividade, assim como uma abordagem inovadora à resolução dos problemas.

A ideia de inovação tem sido uma constante ligada aos diferentes aspetos do empreendedorismo - nas economias mais desenvolvidas, o crescimento económico a longo prazo baseia-se crescentemente na criação de empresas e no facto de estas gerarem inovação ao nível dos produtos, serviços e processos. Já a intensidade da inovação difere dependendo da empresa que a origina, uma vez que a motivação das organizações para produzir inovações é gerar valor, aumentando assim a sua competitividade e promovendo a sua sobrevivência (Meliá, 2011). Neste sentido, iniciativas que não assentem exclusivamente em inovação, mas sim em replicação, assumem também relevância (Kirzner, 1997).

Assim, é importante estabelecer que parece existir relação entre a atividade dos negócios já estabelecidos e as novas iniciativas de negócio, relacionando-se estas questões com o crescimento nacional dos países – Reynolds *et al.* (1999).

Desta forma, a criação de empresas assume elevada relevância e importância. As novas empresas suportam os mecanismos de aumento da competitividade e do crescimento da economia, pelo que a União Europeia tem potenciado o apoio às administrações públicas para a criação de empresas e atividades inovadoras, sendo este o objetivo principal da Estratégia Europa 2020.

Uma das formas pelas quais as administrações públicas têm atuado para conseguir este objetivo é através do ensino do empreendedorismo, prática estendida à maior parte dos países da União Europeia.

O objetivo deste paper é precisamente realizar uma análise da evolução das experiências formativas na área do empreendedorismo na União Europeia.

Para responder a esta questão de investigação – como evoluiu o ensino do empreendedorismo, nomeadamente nos países da União Europeia, durante os últimos anos - foi por nós realizada uma análise da literatura, nomeadamente de trabalhos científicos e documentos oficiais provenientes quer de entidades da União Europeia, quer de instituições de cariz internacional, relevantes para o tema estudado.

Segundo Levie e Autio (2008), a questão essencial, do ponto de vista da investigação em empreendedorismo, não é quem são os empreendedores, mas antes qual é a sua ação, sob que condições e com que consequências.

A metodologia prosseguida no presente *paper*, foi, assim, a análise bibliográfica e documental com o recurso a diversas bases de dados, entre as quais a base de dados *Eurydice*, a base de dados da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), os dados dos relatórios *Amway*, no sentido de identificar quer as principais práticas educacionais prosseguidas em termos gerais nos territórios identificados, quer os respetivos resultados. Também se recorreu aos dados da base Eurobarómetro.

Desta forma, este trabalho encontra-se estruturado de acordo com os seguintes eixos: inicialmente é abordada essencialmente a questão do ensino para o empreendedorismo e respetivo enquadramento, de seguida é efetuado um resumo da evolução deste tipo de ensino na União Europeia e, posteriormente, é realizada uma análise do papel da educação no empreendedorismo a nível internacional. Finalmente, são identificados os principais resultados, sendo posteriormente enunciadas as conclusões e pistas para futuros trabalhos a desenvolver na área.

1 – A Educação para o Empreendedorismo

A educação e a formação para o empreendedorismo têm sido dos meios mais usados para alavancar a atividade empresarial (Levie e Autio, 2008). As atividades de educação, ensino e formação efetuadas especificamente para o empreendedorismo têm normalmente como objetivo aumentar a oferta através de diferentes mecanismos, que

normalmente passam pela transmissão de competências instrumentais necessárias para iniciar e fazer crescer uma nova empresa (Honig 2004), assim como pelo reforço da capacidade cognitiva para gerir a complexidade envolvida no reconhecimento e avaliação de oportunidades de negócio (DeTienne e Chandler, 2004), e também por efeitos culturais nas pessoas, como por exemplo, atitudes e disposições comportamentais (Peterman e Kennedy, 2003).

Quanto aos modelos que têm sido seguidos para enquadrar a ideia de empreendedorismo, do seu ensino e dos respetivos resultados, um dos mais divulgados e aceites é o de Heinonen & Poikkijoki (2006), o qual tem sido utilizado pela agência europeia para a educação, audiovisual e cultura (Education, Audiovisual and Culture Executive Agency – EACEA). Este modelo utiliza três perspetivas como âncoras do que uma atividade empreendedora deve supor: atitudes, conhecimento e capacidade de atuação.

Apesar de alguns autores, como por exemplo Bécharde e Grégoire (2005), evidenciarem o facto de que mesmo sendo a educação um dos temas mais discutidos na literatura de empreendedorismo, os seus efeitos em termos da atividade empreendedora das populações não estariam, ainda, claramente demonstrados, outros há, no entanto, que afirmam precisamente o contrário (Levie e Autio, 2008): o real impacto da formação e do ensino do empreendedorismo verifica-se quer através da influência exercida na população de um país, ao nível da capacidade para reconhecer e aproveitar oportunidades económicas empresariais, quer através do facto deste tipo de formação infundir nos indivíduos as aptidões e competências técnicas requeridas para suportar a fase de arranque das empresas.

Outros autores (Audretsch *et al.*, 2007) consideram existir um consenso geral sobre o facto de o empreendedorismo consistir num fenómeno passível, a nível nacional e regional, de ser influenciado por decisores políticos, estando a atenção e o conhecimento conferido por esses responsáveis positivamente associada à alocação de esforços dedicados ao aumento do empreendedorismo. Neste sentido, Leibenstein (1968), afirma que devem ser tidas em conta a este nível, não só as barreiras à atividade empreendedora, mas também que as políticas devem estar focadas no fortalecimento da eficiência do mercado, assim como na promoção de um ambiente (meio externo) capaz de motivar empreendedores.

Assim, será essencial, na nossa opinião, além de criar as condições necessárias para promover o empreendedorismo, criar também uma cultura empreendedora, ou seja, potenciar o desenvolvimento das capacidades individuais para reconhecer oportunidades, através do aporte aos indivíduos da informação necessária para identificar essas oportunidades e das propriedades cognitivas necessárias para valorizar as mesmas. De acordo com Shane e Venkataraman (2000), o aporte da informação necessária deve ser apreendido com base em experiência sobre as necessidades do utilizador em determinados domínios; quanto às propriedades cognitivas correspondem à capacidade individual de processar a informação proveniente de interações sociais que ocorrem no mercado.

Se o empreendedor será ou não capaz de perceber a oportunidade num determinado momento ou situação, isso dependerá da sua capacidade de compreensão, análise e da perceção das respostas recebidas por parte do mercado. O processamento destes mecanismos é essencial, mesmo antes da eventual resposta do mercado, conduzindo a facilitar e a guiar a ação, proporcionando perceção sobre como assumir vantagem de uma situação, recurso ou necessidade não satisfeita. Assim, a educação para o empreendedorismo deve potenciar o desenvolvimento das capacidades cognitivas requeridas para encontrar oportunidades de mercado. A formação e educação para este tema devem proporcionar aos indivíduos o contacto com histórias e casos de descoberta e exploração de oportunidades empresariais, proporcionando aos indivíduos exemplos que os mesmos possam utilizar como referência quando eles mesmos se deparem com necessidades não satisfeitas ou recursos não valorizados.

Segundo Fiet (2000), este tipo de exemplos torna os indivíduos mais atentos às oportunidades, assim como os torna mais aptos a perceber essas oportunidades, ao dotá-los de um entendimento do que é possível e do que é realizável ou viável - para este último aspeto muito poderá contribuir a componente financeira no ensino do empreendedorismo, pois esta confere aos indivíduos a capacidade de avaliar a possibilidade de realização das oportunidades identificadas.

Assim, o objectivo deste estudo é aferir o papel da educação no empreendedorismo, tomando como perspetiva a posição da população escolar.

2 – A educação para o Empreendedorismo na União Europeia

O modelo atualmente aceite e implementado na UE para enquadrar a noção de ensino para o empreendedorismo tem por base o proposto por Heinonen e Poikkijoki (2006), e assume como objetivo principal conferir aos estudantes as atitudes, conhecimento e competências para a agir de forma empreendedora, tendo as diferentes dimensões do ensino para o empreendedorismo de ser desdobradas em várias categorias, que constituem o enquadramento dos diversos resultados de aprendizagem implementados e obtidos pelos países da União Europeia, nomeadamente:

Atitudes:

Categoria 1 – auto-conhecimento (Self-awareness) e auto-confiança – constituem as atitudes base necessárias a todos os outros aspetos referentes ao empreendedorismo – envolvem a descoberta e a confiança nas capacidades individuais que posteriormente permitem transformar ideias criativas em ações. Em muitos países estas atitudes são prosseguidas como metas da educação geral.

Categoria 2 – Tomada de iniciativa, assunção de riscos, pensamento crítico, criatividade e resolução de problemas, são também aspetos fundamentais para uma atitude empreendedora.

Conhecimento:

Categoria 1 – O conhecimento de oportunidades de carreira e do mundo laboral são resultados da aprendizagem que, não sendo exclusivamente relacionados com o empreendedorismo e fazendo parte da preparação geral dos estudantes no sentido de preparar as suas carreiras futuras, são mesmo assim necessárias para perceber o que é ser um empreendedor pois envolvem o conhecimento da natureza do trabalho e dos diferentes tipos de trabalho, contribuindo este conhecimento para a avaliação de oportunidades e ameaças.

Categoria 2 – Literacia económica e financeira, incluindo conhecimento de conceitos e processos aplicáveis ao empreendedorismo.

Categoria 3 – conhecimento sobre organização de empresas e de processos – considerado específico em relação ao ambiente em que o empreendedorismo se desenvolve.

Competências:

Categoria 1 – Comunicação, apresentação e planeamento, assim como capacidade para trabalhar em grupo – consideradas competências transversais para os empreendedores.

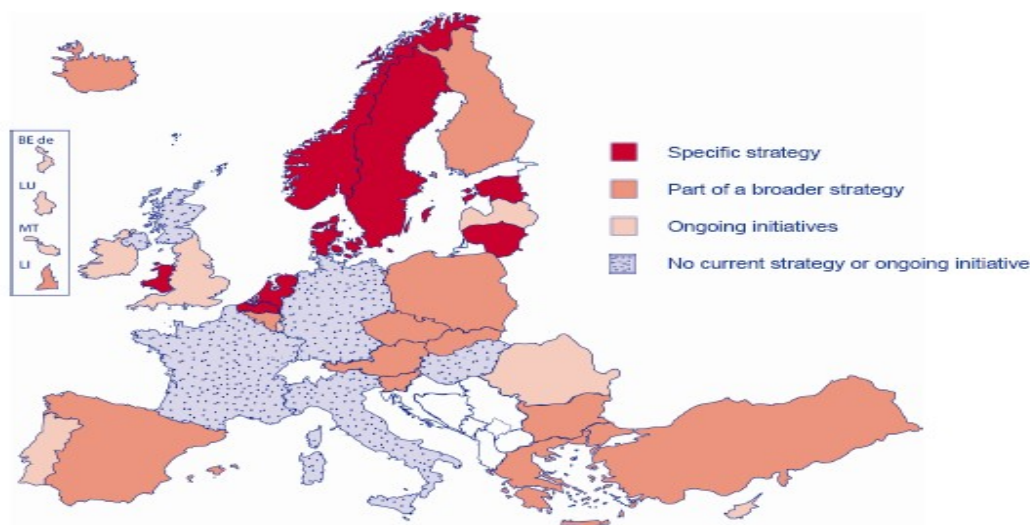
Categoria 2 – Exploração de oportunidades de empreendedorismo – incluindo as várias fases da criação de um negócio – incluindo concepção e implementação de um plano de negócios.

Adaptado de: Eurydice network , Entrepreneurship Education at School in Europe - National Strategies, Curricula and Learning Outcomes, March 2012, p.19.

Estas dimensões e categorias têm sido aplicadas no ensino do empreendedorismo nos países da UE, no todo ou em parte, ao nível quer do ensino primário, quer do ensino secundário ou em ambos em simultâneo. Nos anos de referência de 2011/12, em termos do ensino primário, cerca de metade dos países europeus define objetivos de aprendizagem relacionados com o empreendedorismo ao nível curricular; já em termos do ensino secundário, aumenta o número de países que o fazem para todos os níveis deste tipo de ensino. Verifica-se também que, a nível do ensino primário, os objetivos de aprendizagem se encontram integrados em assuntos obrigatórios, enquanto no ensino secundário acontece precisamente o contrário – ou seja, neste grau de ensino a educação para o empreendedorismo encontra-se normalmente integrada em temas de opção.

Com base no inquérito *Eurydice*, efetuado em 2011, sob o tema Educação para o Empreendedorismo, que abrangeu estratégias nacionais, iniciativas e reformas em curso relativas à situação da educação para o empreendedorismo, com a participação de trinta e um países europeus, verifica-se que a grande maioria dos mesmos inclui o ensino para o empreendedorismo nos seus sistemas e estratégias nacionais. Isto parece refletir o reconhecimento da importância da educação para o empreendedorismo na Europa, onde cerca de metade dos países desenvolveu os objetivos, ligando-os à promoção deste tipo de ensino integrados em estratégias mais amplas – educação ao longo da vida, educação e juventude, assim como crescimento – enquanto outros países, nomeadamente os do Norte da Europa, desenvolveram estratégias específicas, tal como é patente na figura 1.

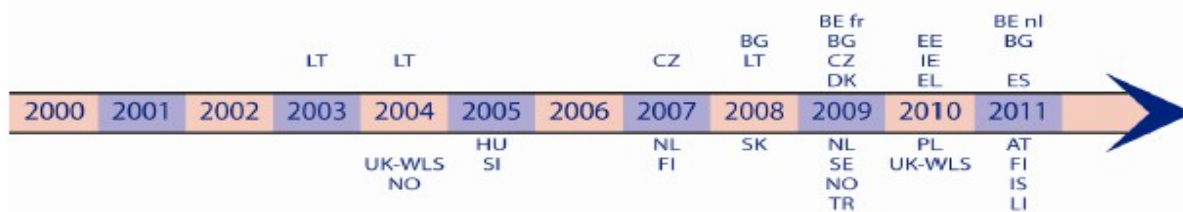
Figura 1 – Estratégias e iniciativas de implementação da educação para o empreendedorismo



Fonte: Eurydice (2012), Entrepreneurship Education at School in Europe - National Strategies, Curricula and Learning Outcomes, March, Eurydice network.

De acordo com a mesma fonte, dois terços dos países europeus reconhecem explicitamente o empreendedorismo na documentação de base no sistema primário; já no secundário, o tema encontra-se integrado em praticamente todos os países. Na figura 2 são apresentadas as datas de lançamento ou arranque de estratégias nacionais para o ensino do empreendedorismo.

Figura 2 – Arranque das estratégias nacionais de Ensino para o Empreendedorismo para o sistema geral de ensino - níveis 1-3 ISCED



Fonte: Eurydice (2012), Entrepreneurship Education at School in Europe - National Strategies, Curricula and Learning Outcomes, March, Eurydice network.

Muitos países europeus definem resultados específicos da aprendizagem resultante do processo de ensino para o empreendedorismo, e estes resultados, de uma forma geral, assumem diferentes aspetos das três dimensões: atitudes, conhecimento e competências. No nível inicial, metade dos países definem resultados relacionados essencialmente com atitudes, mas também com competências transversais; a este nível nenhum país define resultados relacionados com competências ao nível da exploração de oportunidades de empreendedorismo. No que concerne ao ensino secundário, praticamente a totalidade dos países definiu resultados para a educação para o empreendedorismo; muitos países fizeram-no considerando as três dimensões e a maioria deles, pelo menos duas dimensões; no entanto, nenhum país apresentava definição de resultados apenas para exploração de oportunidades de empreendedorismo. Isto parece indicar que as outras dimensões são necessárias para suportar esta – nomeadamente nos países em que esta categoria foi considerada, as concernentes a conhecimento da atividade empresarial são também introduzidas no mesmo nível de ensino.

Quanto ao ensino para o Empreendedorismo a nível do Ensino Superior, na União Europeia é conhecida a avaliação apresentada pela União Europeia (EC, 2012), sobre o impacto do mesmo em termos dos objetivos

definidos e da justificação dos recursos sacrificados nesta atividade. Os objetivos mencionados consistem essencialmente em:

- melhoria da capacidade e atitude empreendedora nos jovens, por forma a assumirem maior criatividade e auto-confiança, assim como para melhorar a sua atratividade face aos empregadores;
- encorajar o aparecimento e criação de novos negócios inovadores;
- alavancagem do papel dos jovens na sociedade e na economia.

Assim, os impactos dos resultados da educação para o empreendedorismo, assumiram as seguintes dimensões: impactos nas competências-chave, impactos nas intenções relacionadas com o empreendedorismo, impacto na empregabilidade dos indivíduos e impactos na sociedade e economia. Os impactos referenciados no estudo mencionado (União Europeia, 2012) que o ensino do empreendedorismo tem impacto positivo nas competências chave dos alunos; que a educação para o empreendedorismo estimula as intenções individuais dos alunos se tornarem empreendedores e nomeadamente de criarem o seu próprio emprego; globalmente, este tipo de educação parece ter efeito positivo quer na empregabilidade, quer em termos de tempo de empregabilidade, criatividade no posto de trabalho, assim como no nível de rendimento conseguido.

Hofstede *et al.* (2004) referem que os termos “auto empregado”, “empresário” e “empreendedor” são comumente usados como sinónimos. Embora estes autores não considerem o termo autoemprego como a medida ideal para explicar o empreendedorismo, são inúmeros os estudos que a este recorreram, por se revelar útil e apresentar a vantagem de estar disponível para um grande grupo de países, por um longo período de tempo.

No que concerne à criação de auto-emprego, são apontadas como razões mais evidentes para esta atitude: o desejo de independência profissional, a liberdade na escolha do tempo e do local de trabalho e a possibilidade de realização de oportunidades de negócio. Quanto a aspetos relacionados com o género, verificou-se que a tendência existente é de que entre os alunos do sexo masculino existe maior apetência por se tornarem empreendedores; também se verifica esta tendência quanto à preferência pela criação do seu próprio emprego. Outro aspeto interessante é que a preferência pela criação do auto-emprego tende a evoluir inversamente ao aumento da idade dos alunos.

Parece ser mais fácil para os alunos que tiveram uma educação para o empreendedorismo encontrar emprego mais rapidamente após a conclusão das suas formações graduadas e a hipótese de permanecerem desempregados durante os primeiros anos é mais baixa, assim como a taxa de indivíduos com um ou mais períodos de desemprego é mais baixa entre este tipo de alunos.

3 – Educação para o Empreendedorismo e Perceção dos seus efeitos por parte dos Estudantes

O modelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) assume a existência de relacionamento entre nova atividade empresarial e atividade empresarial estabelecida e crescimento económico a nível nacional (Levie e Autio, 2008).

De modo a perceber a aposta internacional na formação dos estudantes para o empreendedorismo, foi construída a tabela 1. Nesta tabela são apresentados os valores percentuais, por país, dos estudantes que, ao longo do seu percurso académico, participaram em alguma atividade ou curso relacionado com a temática do empreendedorismo, obtidos a partir dos resultados do *Flash Eurobarometer 354*, destacando-se para este efeito os dados relativos aos países da UE.

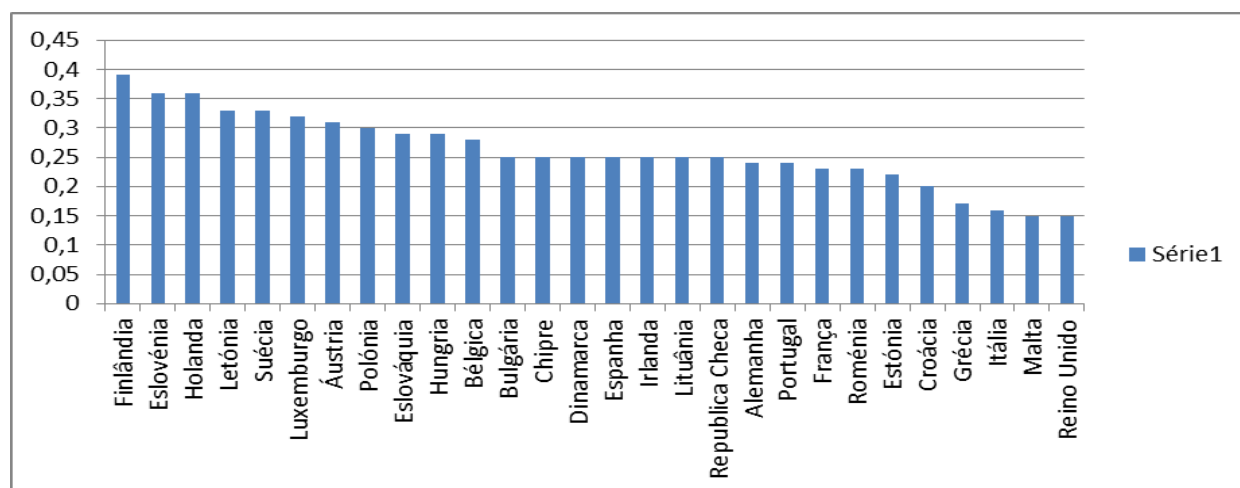
Tabela 1 - Percentagem de estudantes envolvidos em atividades ou em cursos de empreendedorismo – países da UE

País	%	País	%
Alemanha	0,24	Holanda	0,36
Áustria	0,31	Hungria	0,29
Bélgica	0,28	Irlanda	0,25

Bulgária	0,25	Itália	0,16
Chipre	0,25	Letónia	0,33
Croácia	0,2	Lituânia	0,25
Dinamarca	0,25	Luxemburgo	0,32
Eslováquia	0,29	Malta	0,15
Eslovénia	0,36	Polónia	0,3
Espanha	0,25	Portugal	0,24
Estónia	0,22	Reino Unido	0,15
Finlândia	0,39	Republica Checa	0,25
França	0,23	Roménia	0,23
Grécia	0,17	Suécia	0,33

Fonte: adaptado de Flash Eurobarometer 354, “Entrepreneurship in the EU and beyond”.

Gráfico 1A - Percentagem de estudantes envolvidos em atividades ou em cursos de empreendedorismo – países da UE



Fonte: elaboração própria, com base nos dados Flash Eurobarometer 354.

Os valores apresentados na tabela 1 destacam a Finlândia como o país que, entre os 28 analisados, mais aposta no envolvimento dos estudantes nas temáticas do empreendedorismo. Em sentido oposto, destacam-se o Reino Unido e Malta, como os países que menos apostaram neste tipo de iniciativas, com 15%, em ambos os casos. No caso de Portugal, menos de ¼ dos estudantes tiveram oportunidade de experienciar este tipo de iniciativa. Em qualquer dos casos, parece evidente que há uma grande margem de progressão dos diversos países no desenvolvimento de iniciativas e de atividades de âmbito académico, que permitam aos estudantes um contacto direto com os temas do empreendedorismo.

De modo a tentar perceber se, de algum modo, o percurso escolar dos alunos contribuiu para ajudar a criar nestes sentido de iniciativa e atitude empreendedora, foi construída a tabela 2.

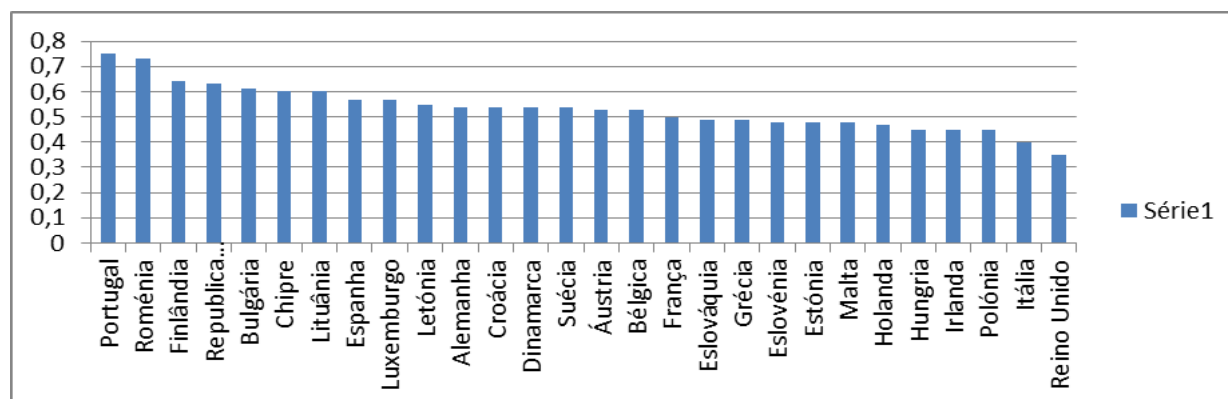
Tabela 2 – Percepção do contributo da escola para desenvolver sentido de iniciativa e atitude empreendedora – países da UE

País	%	País	%
Alemanha	0,54	Holanda	0,47
Áustria	0,53	Hungria	0,45

Bélgica	0,53	Irlanda	0,45
Bulgária	0,61	Itália	0,4
Chipre	0,6	Letónia	0,55
Croácia	0,54	Lituânia	0,6
Dinamarca	0,54	Luxemburgo	0,57
Eslováquia	0,49	Malta	0,48
Eslovénia	0,48	Polónia	0,45
Espanha	0,57	Portugal	0,75
Estónia	0,48	Reino Unido	0,35
Finlândia	0,64	Republica Checa	0,63
França	0,5	Roménia	0,73
Grécia	0,49	Suécia	0,54

Fonte: adaptado de Flash Eurobarometer 354, “Entrepreneurship in the EU and beyond”.

Gráfico 2A – Percepção do contributo da escola para desenvolver sentido de iniciativa e atitude empreendedora – países da UE



Fonte: elaboração própria, com base nos dados Flash Eurobarometer 354.

Os resultados permitem a conclusão de que mais de metade dos alunos perceciona a importância do seu percurso escolar enquanto fator de estímulo à sua capacidade de iniciativa e a uma atitude empreendedora, destacando-se positivamente Portugal, Roménia e Finlândia, com 75%, 73% e 64%, respetivamente. Em sentido oposto, os estudantes do Reino Unido (35%), Itália (40%), Polónia, Irlanda e Hungria (todos com 45%), têm uma percepção menos positiva acerca da importância do seu percurso escolar na referida temática, o que permite uma grande margem de progressão e melhoria dos currículos escolares no que ao empreendedorismo diz respeito.

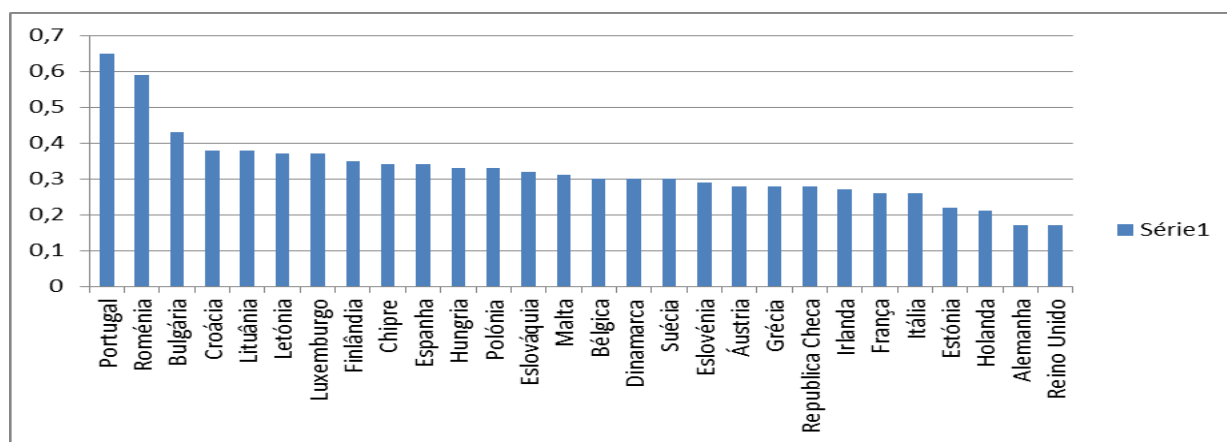
Na tabela 3 são apresentadas as percentagens por país relativas às respostas dadas pelos alunos acerca do papel desempenhado pela educação escolar na decisão destes se tornarem empreendedores. Mais uma vez, os resultados revelaram elevada heterogeneidade, com alguns países a mostrarem um grande peso do percurso escolar nessa decisão, como foram Portugal (65%), a Roménia (59%) e a Bulgária (43%), enquanto países como a Holanda (21%), a Alemanha (17%) e o Reino Unido (17%), mostraram que esta decisão depende de outros fatores, não considerados no estudo do Eurobarómetro. Em termos médios, apenas 36% das respostas manifestaram o papel da escola na decisão do aluno se tornar empreendedor, sendo que somente 3, do total de 28 países considerados no referido estudo, expressaram valores a 40%, razão para se acreditar que a decisão do aluno se tornar empreendedor dependerá de uma grande multiplicidade de fatores, não referenciados no estudo referido, desde logo os relacionados com as atitudes e a capacidade de atuação.

Tabela 3 – Percepção do papel da escola na decisão do empreendedor

País	%	País	%
Alemanha	0,17	Holanda	0,21
Áustria	0,28	Hungria	0,33
Bélgica	0,3	Irlanda	0,27
Bulgária	0,43	Itália	0,26
Chipre	0,34	Letónia	0,37
Croácia	0,38	Lituânia	0,38
Dinamarca	0,3	Luxemburgo	0,37
Eslováquia	0,32	Malta	0,31
Eslovénia	0,29	Polónia	0,33
Espanha	0,34	Portugal	0,65
Estónia	0,22	Reino Unido	0,17
Finlândia	0,35	Republica Checa	0,28
França	0,26	Roménia	0,59
Grécia	0,28	Suécia	0,3

Fonte: adaptado de Flash Eurobarometer 354, “Entrepreneurship in the EU and beyond”.

Gráfico 3A – Percepção do papel da escola na decisão do empreendedor



Fonte: Elaboração própria com base no dados de Flash Eurobarometer 354.

Na tabela 4 é apresentado um resumo das respostas dos alunos relativamente à sua percepção acerca do papel desempenhado pela escola no desenvolvimento de competências e na aquisição de conhecimentos específicos, que lhes permitam gerir um futuro negócio.

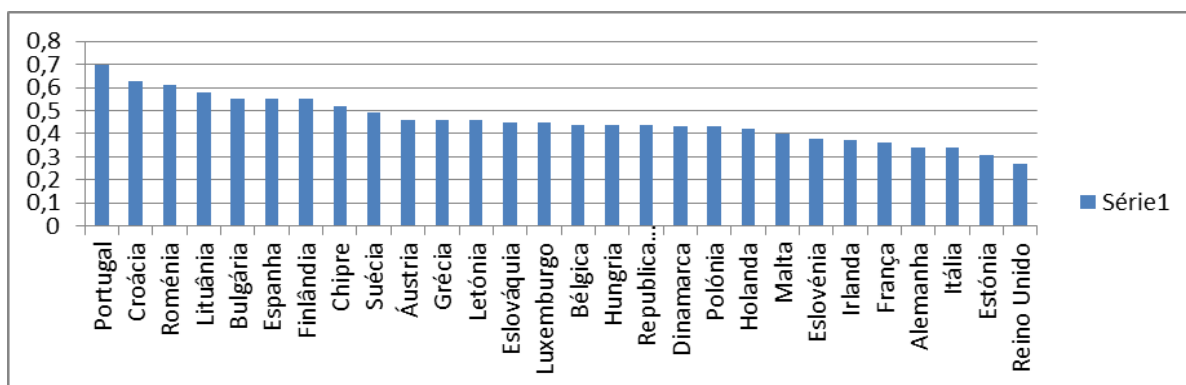
Tabela 4: Percepção do papel da escola na aquisição de competências de gestão – países da UE

País	%	País	%
Alemanha	0,34	Holanda	0,42
Áustria	0,46	Hungria	0,44

Bélgica	0,44	Irlanda	0,37
Bulgária	0,55	Itália	0,34
Chipre	0,52	Letónia	0,46
Croácia	0,63	Lituânia	0,58
Dinamarca	0,43	Luxemburgo	0,45
Eslováquia	0,45	Malta	0,4
Eslovénia	0,38	Polónia	0,43
Espanha	0,55	Portugal	0,7
Estónia	0,31	Reino Unido	0,27
Finlândia	0,55	Republica Checa	0,44
França	0,36	Roménia	0,61
Grécia	0,46	Suécia	0,49

Fonte: adaptado de Flash Eurobarometer 354, “Entrepreneurship in the EU and beyond”.

Gráfico 4A: Perceção do papel da escola na aquisição de competências de gestão – países da UE



Fonte: elaboração própria com base nos dados Flash Eurobarometer 354.

Tal como aconteceu com as questões analisadas anteriormente, as respostas foram bastante heterogéneas. Mais de metade dos alunos, designadamente 57% destes, entende que a escola não lhes transmite as competências adequadas à gestão de um negócio.

Mais uma vez, Portugal (70%), assim como a Croácia (63%) e a Roménia (61%), evidenciaram-se perante os seus pares, ao apresentarem as percentagens mais elevadas relativamente à perceção dos alunos acerca do papel da escola na aquisição de competências de gestão. Em sentido inverso, os alunos do Reino Unido (27%), Estónia (30%) e Itália e Alemanha (ambas com 34%) revelaram as menores percentagens. Em qualquer dos casos, parece haver um caminho a percorrer, de modo a facultar aos alunos os meios adequados, sob a forma de competências e conhecimentos, que os auxiliem na gestão do seu negócio, na eventualidade destes decidirem iniciar uma atividade empreendedora.

Na tabela 5 é apresentado um resumo das respostas dos alunos acerca da possibilidade destes virem a iniciar, nos cinco anos imediatos à realização do inquérito, uma atividade de forma independente, dando expressão ao chamado autoemprego, considerado nesta análise como sinónimo de empreendedor, tendo em conta a perspetiva de Hofstede *et al.* (2004).

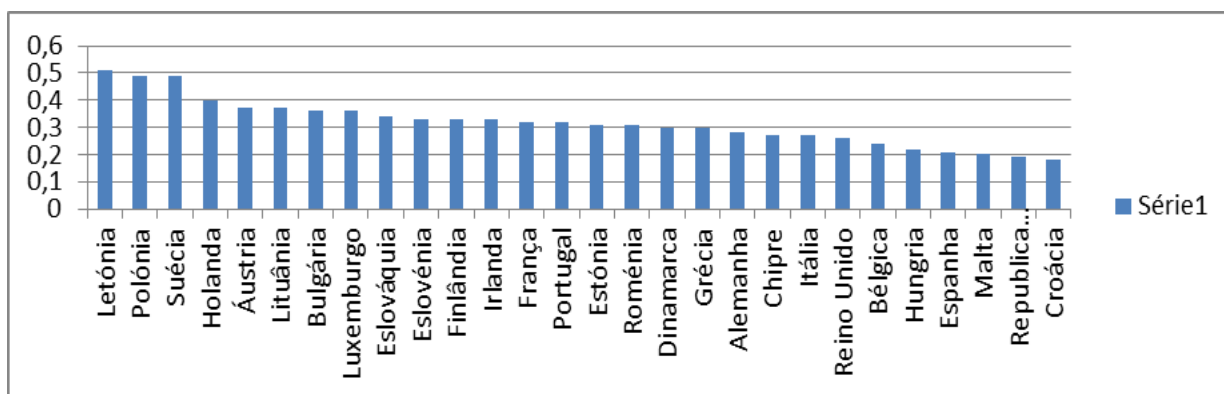
Tabela 5: Perspetiva de autoemprego – países da UE

País	%	País	%
------	---	------	---

Alemanha	0,28	Holanda	0,40
Áustria	0,37	Hungria	0,22
Bélgica	0,24	Irlanda	0,33
Bulgária	0,36	Itália	0,27
Chipre	0,27	Letónia	0,51
Croácia	0,18	Lituânia	0,37
Dinamarca	0,30	Luxemburgo	0,36
Eslováquia	0,34	Malta	0,20
Eslovénia	0,33	Polónia	0,49
Espanha	0,21	Portugal	0,32
Estónia	0,31	Reino Unido	0,26
Finlândia	0,33	Republica Checa	0,19
França	0,32	Roménia	0,31
Grécia	0,30	Suécia	0,49

Fonte: adaptado de Flash Eurobarometer 354, “Entrepreneurship in the EU and beyond”.

Gráfico 5A: Perspetiva de autoemprego – países da EU



Fonte: elaboração própria com base nos dados Flash Eurobarometer 354.

Do conjunto de 28 países analisados, destacam-se a Letónia (51%), a Polónia (49%) e a Suécia (49%), por apresentarem as mais elevadas taxas de intenção empreendedora. Em sentido oposto, destacam-se a Croácia, a Republica Checa e a Espanha, com 18%, 19% e 21%, respetivamente, reportando taxa de expectativa empreendedora aquém da média da União Europeia, que se fixou nos 30%.

As respostas e perceções reportadas pelos 28 países, às questões consideradas anteriormente, permitem formar a conclusão de que o traço comum entre elas é marcado pela elevada heterogeneidade, fruto de diferentes culturas, interesses, apostas e investimentos.

Com o objetivo de encontrar determinantes da expectativa empreendedora, medida pelo autoemprego, aplica-se uma análise de regressão linear múltipla, para investigar a relação de causa e efeito entre as variáveis descritas atrás, mas especificamente para explorar a relação entre o objetivo empreendedor e as variáveis “participação em atividade ou cursos de empreendedorismo”, “contributo da escola para desenvolver sentido de iniciativa e atitude empreendedora”, “papel da escola na decisão do empreendedor”, “papel da escola na aquisição de competências de gestão”.

Neste sentido, o modelo concetual proposto inclui uma variável dependente e quatro variáveis independentes, tal como se apresenta seguidamente:

$$EMPREENDEDOR = \beta_0 + \beta_1 CURSO + \beta_2 ATITUDE + \beta_3 DECISÃO + \beta_4 COMPETÊNCIAS + \varepsilon$$

Onde: *EMPREENDEDOR* = Perspetiva empreendedora (variável dependente); ε = resíduo; β = coeficientes das variáveis independentes; *CURSO* = Participação em atividade ou curso de empreendedorismo; *ATITUDE* = Papel da escola no sentido de iniciativa e atitude empreendedora; *DECISÃO* = Papel da escola na decisão do empreendedor; *COMPETÊNCIAS* = Papel da escola na aquisição de competências de gestão.

Na tabela 6 encontra-se um resumo das estimativas do modelo de regressão linear múltipla.

Tabela 6: Estimativas do modelo de regressão linear múltipla – países da UE

Variáveis	Coefficiente	Desvio-Padrão	Estatística t	Probabilidade
Curso	0,872808	0,232071	3,760957	(0,001)
Atitude	-0,29078	0,288395	-1,008272	(0,3238)
Decisão	0,439159	0,276574	1,58785	(0,126)
Competências	-0,251179	0,29647	-0,847235	(0,4056)
Constante	0,216916	0,09986	2,172193	(0,0404)
R^2	0,391499			
Estatística-F	3,699457			
Prob. (Estatística-F)	0,018178			

Da análise da tabela anterior, conclui-se que o modelo apresentado é significativo, já que $Prob. < 0,05$, ou seja, considerando um nível de significância de 5%, podendo afirmar-se que existe uma relação linear entre a variável “perspetiva de iniciar atividade empreendedora” e as quatro variáveis explicativas ou independentes.

A dimensão do efeito das variáveis independentes sobre a variável dependente é dada pelo coeficiente de determinação R^2 , no valor de 0,39. Este resultado permite afirmar que a variabilidade total da perspetiva empreendedora é explicada pelas variáveis independentes presentes nos modelos em 39%, devendo-se os restantes 61% a outras variáveis não incluídas no modelo.

Da análise dos resultados obtidos e considerando um nível de significância de 5%, salienta-se o facto do coeficiente da variável independente “Participação em atividade ou curso de empreendedorismo” ser positivo e significativamente diferente de zero, pelo que esta variável influencia positivamente a perspetiva empreendedora. As restantes variáveis independentes não evidenciaram significância estatística, pelo que não ajudaram a explicar o comportamento da variável dependente.

Num quadro europeu caracterizado pela estagnação económica e pelo desemprego estrutural, os resultados obtidos permitem perceber a necessidade e a importância de as entidades europeias, em estreita colaboração com os estados membros, conceberem políticas e programas públicos, que promovam o desenvolvimento de atividades e de formação específicas, em parceria com as escolas e com as diversas entidades ligadas à formação, de modo a aproximar os jovens das temáticas do empreendedorismo, como forma de os preparar para os futuros desafios empresariais.

No presente trabalho, pretendeu-se verificar se, ao nível da UE, a educação contribui positivamente para o empreendedorismo, tomando como perspetiva o ponto de vista do aluno integrado no sistema de ensino.

De acordo com o modelo GEM, a criação de empresas ocorre quando os indivíduos acreditam deter as competências, o conhecimento e a motivação para iniciar um negócio, a partir de uma oportunidade percebida. Ora estas competências, conhecimento e motivação podem ser veiculadas pelo sistema de ensino, de diversas formas e em diferentes momentos ao longo da aprendizagem escolar dos indivíduos. Sendo ainda que a questão da motivação pode e deve ser trabalhada desde idades muito precoces no sistema de ensino. Esta questão é desde há muito tempo defendida por Leibenstein, no sentido em que o mesmo define diversos fatores como favorecedores do empreendedorismo, nomeadamente a questão da *resposta por parte dos potenciais empreendedores a diferentes estados motivacionais, especialmente quando estão envolvidas atividades não-*

tradicionais (Leibenstein, 1968). Isto envolve a questão da tolerância à frustração e da capacidade para resolução de problemas, ultrapassando assim dificuldades inerentes à atividade empreendedora.

Também neste sentido Acs *et al.* (2004), invocaram a existência de um “filtro”, presente em todas as economias, que impede a transformação de conhecimento em *conhecimento económico*, sendo que a espessura e o poder bloqueador desse filtro podem ser influenciados pela cultura, pelas políticas e pelo percurso escolhido pelas sociedades.

Considerações finais

A criação de empresas, sendo encarada como uma forma de estas organizações contribuírem com valor, garantia de sobrevivência e crescimento, tem tanta mais relevância e importância quanto mais aquelas se baseiam em atividades inovadoras. Estas novas empresas deveriam converter-se em mecanismos de aumento da competitividade e do crescimento da economia. A União Europeia tem potenciado o apoio às administrações públicas para este tipo de empresas e atividades inovadoras. No entanto, e porque se tem constatado que não se trata de uma tarefa fácil, é este o objectivo principal da Estratégia Europa 2020.

A Crise de empregabilidade na Europa fez com que o fenómeno do empreendedorismo fosse encarado como um meio de criação do próprio emprego (AGER, 2013; GEM, 2015), conduzindo a que, na atualidade, o referido fenómeno seja encarado como uma forma importante de aumento da empregabilidade dos ativos europeus. No entanto, um dos principais obstáculos para o desenvolvimento do empreendedorismo, relaciona-se com o receio de falhar e com as consequências do insucesso (AGER, 2013; GEM 2015). Apresentam-se como consequências deste tipo de insucesso as sociais, as psicológicas e as financeiras, representando estas três categorias de consequências as razões mais vezes referidas para travar os processos latentes de empreendedorismo, assumindo aqui elevada preponderância as consequências de carácter financeiro (AGER, 2013).

Por outro lado, verifica-se que quando existe uma diferença significativa entre indivíduos que receberam educação para o empreendedorismo (nomeadamente em países em que essa educação surge mais tarde no sistema educativo), e indivíduos que não receberam esse tipo de educação (por não terem frequentado os níveis de ensino mais avançados), isso tem como efeito numa atitude mais positiva perante o empreendedorismo (AGER, 2013). Nomeadamente, assume efeito positivo: a existência de ensino para o empreendedorismo por um lado, assim como, por outro lado o facto de a educação ter tido início numa fase mais precoce da vida escolar.

Isto parece vir de encontro às iniciativas levadas a cabo nos últimos anos na UE, assim como à sua fundamentação, no seio das políticas públicas e mais em concreto das políticas de educação para ao empreendedorismo. Neste sentido, também o referencial teórico emanado pelo GEM e sua respetiva atividade de investigação, enfatiza a necessidade de políticas necessárias a colmatar às necessidades e à promoção da motivação dos empreendedores, no sentido da atividade destes últimos contribuir para o desenvolvimento dos respetivos países.

É ainda de relevar que, de acordo com o mesmo documento, o receio de falhar, por parte dos empreendedores é mais elevado nos países cuja economia é baseada na Inovação do que em qualquer outro tipo de países e também que as intenções relacionadas com o desenvolvimento da atividade empreendedora tendem a ser, neste conjunto de países, as mais baixas de entre todos os tipos de países, de acordo com esta classificação.

Neste sentido, é de realçar a importância crescente e cada vez mais justificada e suportada pela evidência empírica que as políticas públicas, nomeadamente na área da educação, assumem no desenvolvimento e interiorização do espírito empreendedor no conjunto dos países da UE. Os resultados do Eurobarómetro permitem concluir que é necessário aprofundar a temática do empreendedorismo na educação, de modo a potenciar a capacidade empreendedora dos alunos e transmitir-lhes as competências técnicas e de gestão necessárias ao desenvolvimento de novos negócios. Aliás, os resultados obtidos neste estudo reforçam a importância da participação dos alunos em atividades e em cursos relacionados com a temática do empreendedorismo, como forma de potenciar a motivação destes para a atividade empreendedora.

Os resultados da análise efectuada permitem também concluir que a percepção dos efeitos do ensino do empreendedorismo é mais positivamente percebida nos países economicamente menos desenvolvidos da UE, verificando-se também que de entre os países mais desenvolvidos na UE, a percepção dos efeitos do ensino para o empreendedorismo não é tão valorizada como nos países que integram o primeiro grupo. Isto poderá ser indiciador de que o efeito do ensino do empreendedorismo tem maior impacto nos países menos desenvolvidos, dentro da UE, do que nos seus congéneres economicamente mais avançados.

Se efectivamente esta conclusão, relativamente à percepção dos alunos, assumir efeitos práticos em termos do desenvolvimento da atitude empreendedora neste grupo de países, então as políticas públicas prosseguidas neste contexto, no seio da UE, poderão efectivamente contribuir para a redução dos desequilíbrios económicos que ainda vigoram nesta região.

É ainda de realçar que no caso de Portugal, todas as percepções avaliadas neste trabalho, têm uma expressão muito significativa no conjunto dos países da UE – assim poder-se-á colocar a questão: constituirá Portugal um caso de estudo a explorar no âmbito do desenvolvimento da experiência formativa na área do ensino do empreendedorismo?

Em futuras investigações, pretendemos ainda aprofundar o estudo da temática do empreendedorismo no ensino, enquanto fator explicativo do surgimento de novos negócios.

Referências Bibliográficas:

ACS, Z. J., AUDRETSCH, D. B., BRAUNERHJELM, P., & CARLSSON, B. (2004), *The missing link: The knowledge filter, entrepreneurship and endogenous growth*. Discussion Paper, No. 4783, December. London, UK: Center for Economic Policy Research.

AUDRETSCH, D. B., GRILO, I., e THURIK, A. R. (2007), *Handbook of research on entrepreneurship policy*, Cheltenham, UK: Edward Elgar.

BECHARD, J., e GRÉGOIRE, D. (2005), “Entrepreneurship education research revisited: The case of higher education”, *Academy of Management Learning and Education*, 4(1), pp.22–49.

Comissão Europeia (2010), *Entrepreneurship in the EU and Beyond*. The Galloup Organization, Flash Eurobarometer 354.

DeTIENNE, D., e CHANDLER, G. (2004), “Opportunity identification and its role in the entrepreneurial classroom: A pedagogical approach and empirical test”, *Academy of Management Learning and Education*, 3(3), pp.242–257.

FIET, J. O. (2000), “The theoretical side of teaching entrepreneurship”, *Journal of Business Venturing*, nº16, pp. 1–24.

HEINONEN, & POIKKIJOKI, (2006), “An entrepreneurial-directed approach to entrepreneurship education: mission impossible?” *Journal of Management Development*, V25, Nº1, pp. 80-94.

HOFSTEDE, G., NOORDERHAVEN, N. G., THURIK, A. R., UHLANER, L. M., WENNEKERS, A. R. M. e WILDEMAN, R. E. (2004), “Culture’s role in entrepreneurship: self-employment out of dissatisfaction”, em Brown, Terrence E. e Ulijn (orgs.), *Innovation, Entrepreneurship and Culture: The interaction between technology, progress and economic growth*, Cornwall, Edward Elgar Publishing.

HONIG, B. (2004), “Entrepreneurship education: Toward a model of contingency-based business planning”, *Academy of Management Learning and Education*, V3, nº3, pp.258–273.

KIRZNER, I. (1997), “Entrepreneurial discovery and the competitive market process: An Austrian approach”, *Journal of Economic Literature*, 35, pp.60–85.

LEIBENSTEIN, H. (1968). “Entrepreneurship and development”, *The American Economic Review*, 58(2), pp.72–83.

LEVIE, Jonathan and AUTIO, Erkko (2008), “A theoretical grounding and test of the GEM model”, *Small Bus Econ*, 31, pp.235–263

MELIÁ, J. Mulet (2011): “Un diagnóstico del estado de la innovación en España”, *Papeles de Economía Española*, FUNCAS, núm. 27, pp. 2-12.

PETERMAN, N. e KENNEDY, J. (2003), “Enterprise education: Influencing students’ perceptions of entrepreneurship”, *Entrepreneurship Theory & Practice*, 28, pp.129–144.

REYNOLDS, P. D., HAY, M., & CAMP, M. S. (1999), *Global entrepreneurship monitor 1999 executive report*. Babson Park, MA: Babson College; London, UK: London Business School.

SHANE, S. e VENKATARAMAN, S. (2000), “The promise of entrepreneurship as a field of research”, *Academy of Management Review*, nº 25, pp. 217–226.

Outros Documentos consultados:

EACEA - Education, Audiovisual and Culture Executive Agency (2012), *Entrepreneurship Education at School in Europe - National Strategies, Curricula and Learning Outcomes*, Audiovisual and Culture Executive Agency - EACEA P9 **Eurydice** and Policy Support, Março.

EC - European Commission (2012), *Effects and impact of entrepreneurship programmes in higher education*, Entrepreneurship Unit Directorate-General for Enterprise and Industry - European Commission, Bruxelas, Março.

AGER - Amway Global Entrepreneurship Report (2013), *Encouraging Entrepreneurs – Eliminating the Fear of Failure*, TUM School of Management, Technische Universität München. Disponível em: http://www.amwayentrepreneurshipreport.tum.de/fileadmin/w00bfs/www/2013/Amway_Global_Entrepreneurship_Report_2013.pdf. Consultado em setembro de 2015.

AGER - Amway Global Entrepreneurship Report (2014), *Advancing Entrepreneurship Education - Facts & FIGURES*, TUM School of Management, Technische Universität München. Disponível em: http://www.amwayentrepreneurshipreport.tum.de/fileadmin/w00bfs/www/2014/Amway_Global_Entrepreneurship_Report_2014.pdf. Consultado em setembro de 2015

GEM – Global Entrepreneurship Monitor (2015), *Global Entrepreneurship Monitor 2014 Annual Report*,

Sites Consultados:

<http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice>, consultado em Novembro de 2012, *Entrepreneurship Education at School in Europe - National Strategies, Curricula and Learning Outcomes*, March 2012, Eurydice network., consultado em setembro de 2015.

http://entrepreneurs.about.com/gi/o.htm?zi=1/XJ&zTi=1&sdn=entrepreneurs&cdn=money&tm=84&f=00&su=p284.13.342.ip_p504.6.342.ip_&tt=2&bt=4&bts=4&zu=http%3A//www.gemconsortium.org/, consultado em março de 2013.

<http://www.amwayentrepreneurshipreport.tum.de/index.php?id=5&L=1>, consultado em setembro de 2015.

<http://www.gemconsortium.org/>, consultado em setembro de 2015.